

O sortilégio de Congonhas



José Sarney,
ex-presidente da República,
senador e integrante da
Academia Brasileira de Letras

É DIFÍCIL LIDAR COM a dor. Por isso o criador nos fez com a incapacidade de memorizá-la, sentir de novo. Fica apenas lembrança triste de uma dor passada. Pior ainda ter muitas dores. Dores da tragédia, dores do coração de mães, mulheres, filhos, parentes e amigos. São dores da alma. Na solidariedade incorporamos a dor de todos.

Santo Agostinho dizia que a morte provava a existência da alma. Ao olhar um corpo morto, perguntou: "Onde está sua alma?" Concluiu que saíra e, portanto, existia. De alguma maneira, é a resposta do anjo que estava no sepulcro vazio, ao ver as Marias: "*Non est hic*" (não está aqui). Estava onde? O padre Vieira responde: "No coração de sua mãe". Não no céu, nem junto

a Deus, no coração de sua mãe.

A tragédia de Congonhas colocou todas as vítimas no coração de todos os brasileiros. Não é possível explicar o que não se explica porque não podia ter acontecido. Desde o deflagrar da crise aérea estava em todos nós

Temos tantos órgãos tomando conta que parece que é o caso de não termos nenhum

a temerosa espera que algo assim acontecesse. E aconteceu.

Os motivos técnicos, humanos, desumanos não interessam mais. Aquele fogo, as vidas, as

lágrimas, o luto não se apagam. São anos de erros que chegaram até nós. Construíram aquele aeroporto num lugar vazio. A cidade avançou, os administradores públicos, levados pela especulação imobiliária, cada vez mais aproximaram os arranha-céus. As posturas municipais não sabiam a revolução dos transportes, da aviação? Foi imprevisão, burrice ou desonestidade? Isso nos remete a imprevidência, incompetência ou irresponsabilidade de algumas gerações. Todas as hipóteses são ruins.

Nunca pousei em Congonhas – algumas vezes na cabine do comandante – sem ter a impressão que pousava num porta-aviões. A diferença é que, em vez de mar, temos a chamada selva de pedra. Calculo o estresse diário dos co-

mandantes naquele corredor de edifícios e a pista com seus estruturais problemas de localização, tamanho e apoio de instrumentos. Montesquieu dizia que muitas leis nenhuma lei. E, hoje, temos tantos órgãos tomando conta (Anac, Deca, Infraero, torres de comando, comando de torres, e mais e mais), que parece que é o caso de não termos nenhum.

Lendo as coincidências o avião foi explodir na esquina da Rua Otávio Tarquínio de Souza, grande historiador, autor da *História dos fundadores do Império do Brasil*, que morreu num desastre aéreo quando um urubu bateu no avião em que viajava, em cima do Galeão, no Rio.

Esse urubu parece que está pousado na aviação brasileira e em seus problemas.